

The cover art features two characters in a tense conversation. On the left is a large, green-skinned orc with a long, braided beard and a stern expression, wearing ornate blue and gold armor. On the right is a smaller, orange-skinned character with a mohawk and a pleading or desperate expression, wearing brown leather armor with fur trim and metal chains. The background is a dark, cavernous space with stone arches and a glowing red light source.

WORLD  
WARCRAFT  
THE WAR WITHIN

CORAÇÃO DA TERRA  
DE ADAM CHRISTOPHER

3  
LINHAGENS SANGRENTAS





**T**hrall acordou arfando. Tentou se levantar, mas duas mãos o empurraram de volta para a cama.

“Calma, am’osh.”

Thrall piscou para ver melhor. “Aggra”, sussurrou. Com a ajuda dela, sentou-se lentamente; em seguida, com a lembrança súbita, seus dedos encontraram o local onde a flecha o havia atingido. Estava sensível, mas o ferimento fora curado, e a dormência em seu braço tinha desaparecido.

“Os Lok’osh são habilidosos”, comentou Aggra. “Disseram que pode demorar um pouco para você recuperar toda a sua força, mas acho que subestimaram seu vigor.” Ela sorriu. “Acho que eles não acreditaram que você caminhou de Stromgarde até aqui nessas condições.”

Thrall gemeu. “Por quanto tempo fiquei desacordado?”

“Algumas horas, nada mais.”

Thrall colocou as pernas no chão e permitiu que Aggra o ajudasse a se levantar. Ele a segurou, deslizando os dedos ao longo de seu maxilar. “É bom ver você, meu amor.”

“E você também”, ela respondeu. Ela se deteve. “Só queria ter boas notícias para lhe dar quando acordasse.”

Thrall suspirou. “Nada feito com Geya’rah?”

Aggra balançou a cabeça. “A situação está... difícil.”

Thrall apertou o ombro dolorido. “É o que percebi.” Ele olhou ao redor e viu que estavam em um quartel militar básico. Do outro lado da caserna havia outro leito, sobre o qual estava a armadura de Thrall, que outrora fora de Orgrim Martelo da Perdição.

Thrall se lembrou de sua jornada pelo Planalto, ainda com o sonho febril na cabeça. Enquanto começava a se vestir, pensou em como era estranho estar de volta vestindo a armadura de Martelo da Perdição justo agora, quando os velhos ódios entre orcs e humanos emergiam novamente.

O que seria necessário para que Azeroth superasse isso, abandonasse um passado que merecia ser, se não esquecido, ao menos relegado à história, onde é seu lugar?

Ele levantou os enormes espaldares espinhosos até os ombros e começou a afivelar as amarras no peito. “Preciso falar com Geya’rah agora mesmo.”

“Go’el”, disse Aggra. “Isso pode ser mais difícil do que você imagina.”

Thrall grunhiu. “Mas ela sabe que estou aqui?”

“É claro. Felizmente, ela enviou a patrulha que o encontrou. Ela não acreditava que Stromgarde o receberia bem.”

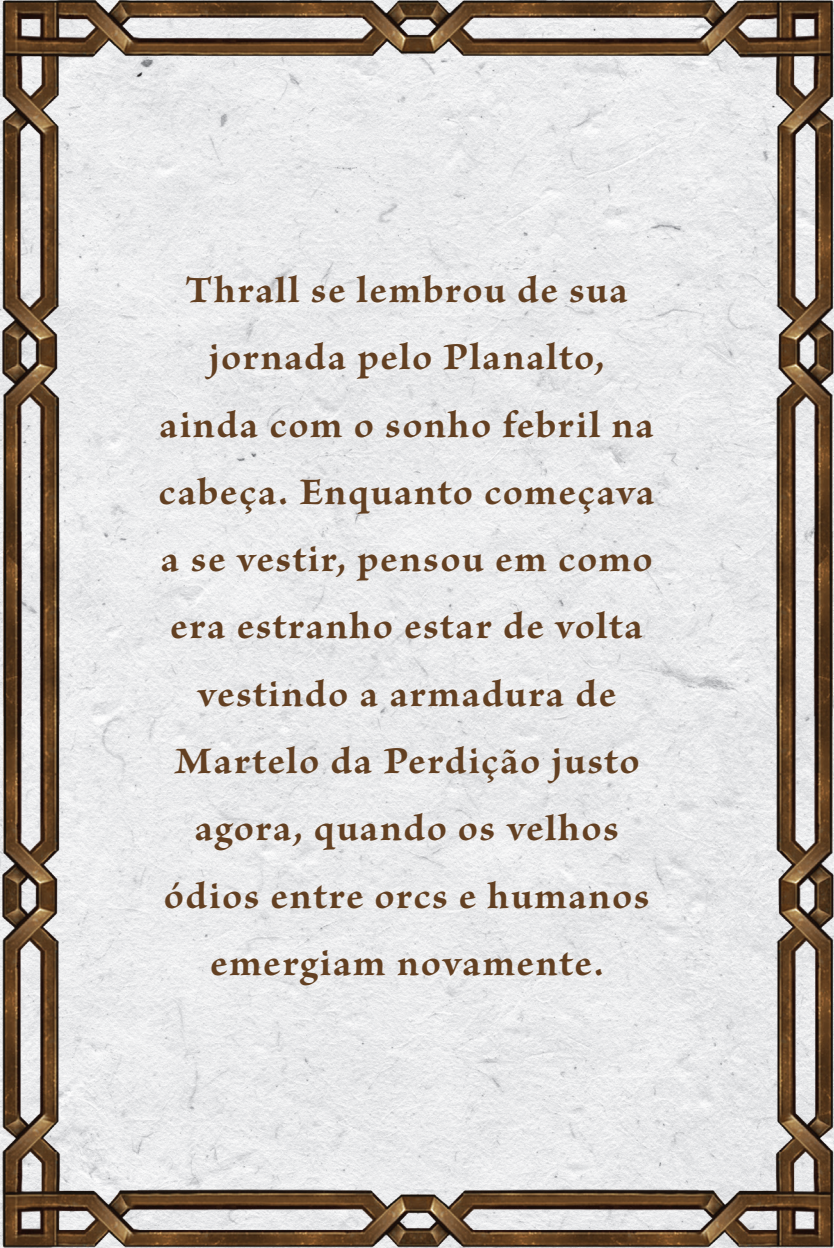
Thrall começara a calçar as botas. “É hora de conversarmos, então.”

“Você não entende”, disse Aggra. “Ela não lhe concederá uma audiência.”

“Veremos”, respondeu Thrall.



Thrall percorreu os corredores da base, com Aggra logo atrás, até chegar a uma câmara protegida por dois guardas kor’kron, que, instintivamente, afastaram-se da porta para deixá-lo passar. Embora Thrall nunca teria motivo para testar, parecia que Danath havia falado a verdade em Boralus: os Kor’kron ainda recorreriam a ele na ausência de um chefe guerreiro. Entrando na câmara do conselho, ele viu Geya’rah debruçada sobre uma mesa coberta de mapas, com mais dois orcs, o atual general dos Kor’kron, Talgar, e outro guerreiro de pele verde e barba branca, cuja presença o surpreendeu.



Thrall se lembrou de sua  
jornada pelo Planalto,  
ainda com o sonho febril na  
cabeça. Enquanto começava  
a se vestir, pensou em como  
era estranho estar de volta  
vestindo a armadura de  
Martelo da Perdição justo  
agora, quando os velhos  
ódios entre orcs e humanos  
emergiam novamente.

“Eitrigg!”, exclamou Thrall, contornando a mesa para cumprimentar o velho amigo. “O que os Rocha Negra estão fazendo aqui?”

Eitrigg apertou o braço estendido de Thrall. “Você não é o único aqui em uma missão diplomática, Thrall. Mas que bom que está aqui. Seu conselho nos seria muito útil.”

A afirmação fez Geya’rah franzir o cenho. “Eitrigg me aconselhou a não reagir. Enquanto isso, o sangue do nosso povo ainda rega os campos do Planalto.” Seu olhar encontrou o de Thrall e, na fúria dela, ele via um fogo que já o possuía em muitos momentos. De diversos modos, pensou, ele e Geya’rah eram muito parecidos.

“Mas *eu* estou no comando, aqui”, disse Geya’rah direcionando a fala a Eitrigg antes de voltar-se para Thrall. “E se eu quisesse o seu conselho, Go’el, eu teria pedido.”

Thrall manteve-se firme. “Parece que eu cheguei tarde, e peço desculpas por isso. Preciso falar com você, Geya’rah.” Ele indicou a companheira com um gesto. “Sei que Aggra já contou tudo.”

“Muito do que ela contou eu já sabia”, disse Geya’rah, “e você chegou no pior momento possível, meu amigo.”

“Receio que não caiba a nós escolher o momento”, respondeu Thrall, “mas eu vim para pedir sua ajuda.”

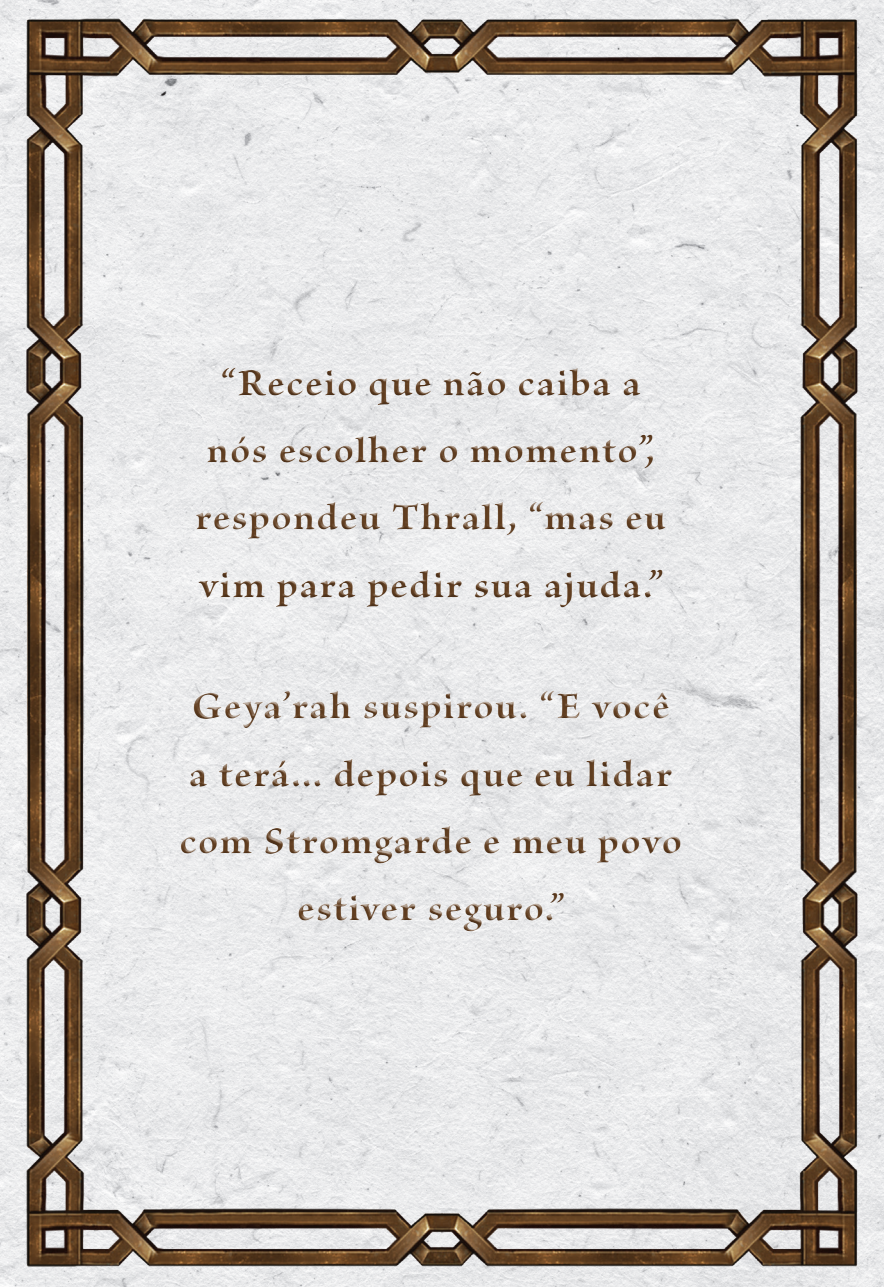
Geya’rah suspirou. “E você a terá... depois que eu lidar com Stromgarde e meu povo estiver seguro.”

Thrall olhou para Eitrigg brevemente, mas o velho orc apenas balançou a cabeça. Se Geya’rah tinha pedido o conselho do Chefe dos Rocha Negra, então a situação estava claramente ruim. Ele precisava seguir a estratégia de Eitrigg: não estava ali para bater cabeça com Geya’rah até que ela cooperasse. Estava ali para negociar.

“Explique o que está acontecendo”, disse Thrall, apontando para o mapa. “E talvez possamos ajudar um ao outro.”

Geya’rah permaneceu imóvel, os músculos do maxilar contraídos enquanto ela encarava Thrall. Então, ela assentiu com a cabeça, parecendo ter se acalmado.

“Está bem”, disse. “Desde que viemos para cá, coexistimos com Stromgarde em paz.” Ela apontou para a localização do reino no mapa. “Tínhamos um problema em comum com os predadores da região, e controlar a população deles era benéfico para



“Receio que não caiba a nós escolher o momento”, respondeu Thrall, “mas eu vim para pedir sua ajuda.”

Geya’rah suspirou. “E você a terá... depois que eu lidar com Stromgarde e meu povo estiver seguro.”

todos. Porém, quando Danath Matatroll precisou partir para Ventobravo, ele nomeou sua sobrinha, Marran, como regente. Depois disso, nossa paz durou poucas semanas, até ela começar a reunir uma tropa auxiliar da 7ª Legião.” Ela jogou um punhado de fichas na mesa, representando a tropa auxiliar. “Ela disse que era para ajudar Stromgarde a fazer sua parte, proteger fazendas dos predadores, mas não demorou até que seus patrulheiros comessem a se afastar cada vez mais da base. As interações entre nossas tropas, que antes eram amistosas, tornaram-se violentas. O confronto de hoje marca mais um aumento nas tensões, e Marran não planeja parar tão cedo.”

“Os humanos continuam nos provocando”, disse Talgar. “Fazem disso um lazer.”

“Não nos deixaram escolha”, disse Geya’rah. “O único jeito de garantir a segurança do nosso povo foi trazer os Kor’kron para reforçar a base.” Sobre a mesa, ela posicionou com firmeza uma ficha de cor diferente, ao lado de Ruína do Martelo.

Thrall suspirou. “Algo que Marran veria como um claro ato de intimidação.” Ele lançou um olhar severo sobre Talgar. “Formar dois exércitos só pode levar a uma terrível consequência. Há outra maneira.”

Geya’rah riu. “Então conte-nos, por favor.”

“Conversa”, disse Thrall. Ele fez um gesto, indicando Eitrigg. “Diplomacia. Negociação. Agora mesmo, a Grã-senhora Jaina Proudmore está em Stromgarde, com a mesma missão que eu.”

“Boa sorte para ela”, disse Geya’rah. “Marran Matatroll não é do tipo que negocia. Prefere deixar que as flechas falem por ela. Além disso, como eu já disse, ela não vai parar.”

“Explique”, pediu Thrall.

“Sabemos que Stromgarde está planejando um ataque”, respondeu Talgar. “Sem escaramuças isoladas dessa vez: eles querem tomar território e expandir fronteiras.”

Aggra aproximou-se da mesa. “Eles planejam atacar Ruína do Martelo?”

“Aqueles covardes não ousariam”, respondeu Geya’rah. “O que eles querem é a fazenda Go’Shek.” Ela apontou o local no mapa. “Se Marran espera ter uma vitória fácil contra nossos fazendeiros, está redondamente enganada.” Ela voltou os olhos para Thrall. “E pode confiar, mesmo com a 7ª Legião, Stromgarde cairia facilmente até mesmo contra a força dos Mag’har, que dirá dos Kor’kron. Muitos morrerão, e não



serão orcs.”

Thrall olhou para Geya'rah, para aquele fogo em seus olhos. Ela parecia tanto com ele, ainda assim eram tão... diferentes. Claro, ele já estivera na situação dela. Mas, enquanto Thrall aprendera, Geya'rah parecia obstinar-se. Talvez por ela ser de outro mundo, de outro tempo, uma prova viva dos antigos e ríspidos costumes de Draenor.

Ele balançou a cabeça. “Geya'rah, se Stromgarde cair, a Aliança responderá com toda a sua força. Há, *sim*, outra escolha.”

“Diplomacia?”, ironizou Geya'rah. “Você estava em uma *missão diplomática* quando um dos arqueiros *deles* o atingiu. Nosso inimigo está preparando uma emboscada para massacrar nossos civis, e você sugere diplomacia? Marran Matatroll está determinada a nos destruir. Ela vê a própria vitória como o único caminho para a paz.”

Thrall sentiu o sangue em seu rosto esquentar enquanto dava um passo em direção a Geya'rah. “Então *mostre* a ela! Seja a primeira a querer um acordo. Eu desafio você! Prove para ela que tem *sempre* um jeito melhor.”

“Do que você tem medo, Go'el?”, gritou Geya'rah. “O armistício deixou você acomodado. Mole. Igual ao nosso pai!”

*Nosso pai?*

Thrall sentiu o queixo cair. “O que você disse?”

Mas Geya'rah não estava ouvindo. “Se eu estou viva e Durotan não, é porque eu vi o ódio desenfreado e ousei me opor a ele.” Ela esmurrou a mesa de guerra. “Não faz tanto tempo desde que os humanos *escravizaram* os orcs aqui mesmo, onde estamos. Aggra disse que você veio aqui libertá-los! Por acaso esqueceu o legado da armadura que veste, irmão?”

Com isso, Thrall deu um passo para trás. Ele piscou, o cérebro a mil.

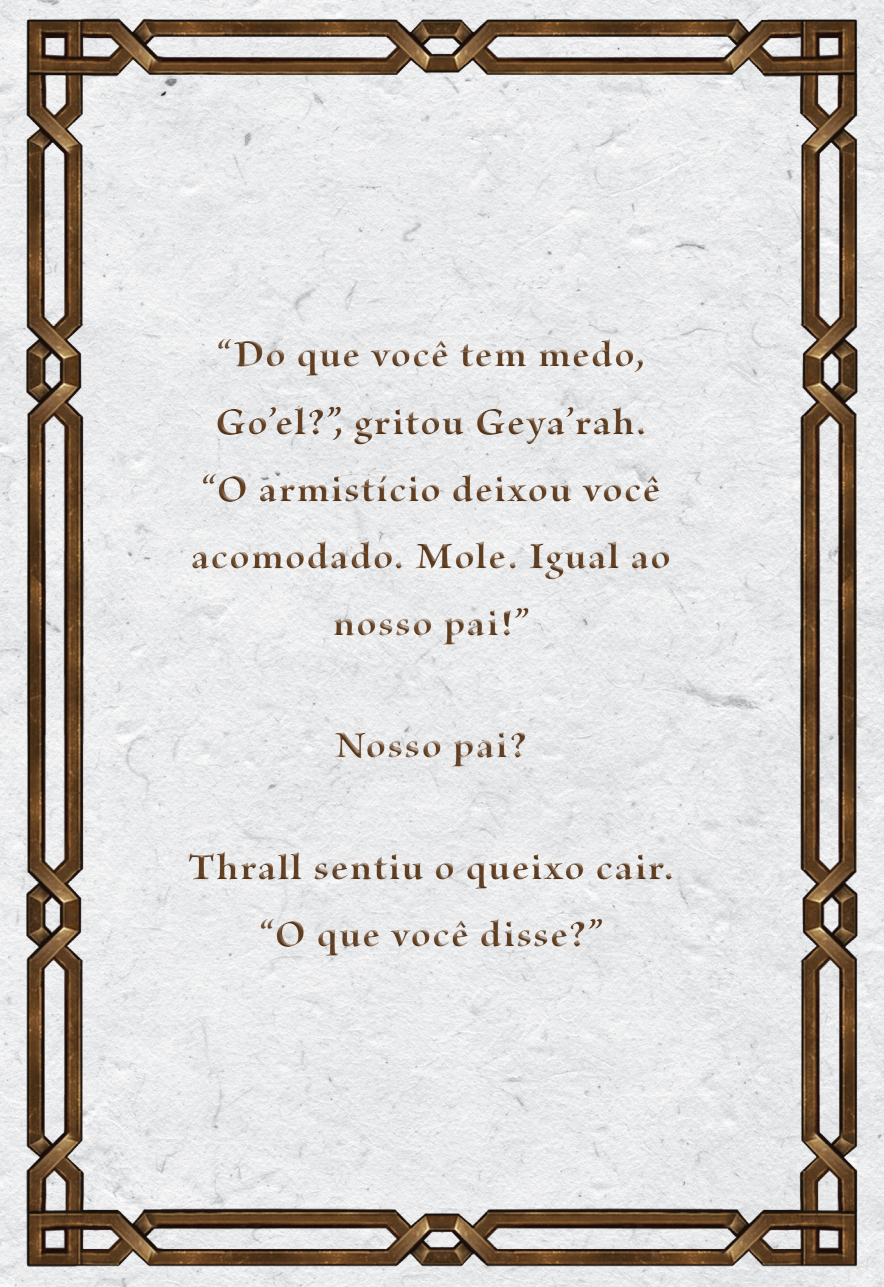
“Basta!” Aggra silenciou Geya'rah. Ela pôs a mão no braço de Thrall. Ele virou-se para Geya'rah... e finalmente enxergou. Estava nítido em seu rosto.

*“Irmão?”*, repetiu ele.

Os olhos de Aggra se arregalaram. “Go'el, eu...”

“Você *sabia?*” Ele assentiu consigo mesmo. “Você sabia.”

Thrall a afastou e saiu da câmara do conselho às pressas.



“Do que você tem medo,  
Go’el?”, gritou Geya’rah.  
“O armistício deixou você  
acomodado. Mole. Igual ao  
nosso pai!”

Nosso pai?

Thrall sentiu o queixo cair.  
“O que você disse?”



Depois de volta para a bastilha, Jaina matutou em seus aposentos, sabendo que teria que partir ao amanhecer se não conseguisse convencer a sobrinha de Danath a ser racional. Com o passar das horas, ela deu um longo suspiro e resolveu ir falar com Marran pessoalmente. O dia tinha sido sangrento para Stromgarde, e o humor de Marran estava naturalmente à flor da pele. Enquanto o sol se escondia no horizonte, Jaina esperava não ter perdido sua chance.

Mas, ao abrir a porta dos aposentos dela, para sua surpresa, lá estava Marran, aparentemente exausta e um tanto envergonhada.

“Eu... peço desculpas pelo que falei hoje”, disse. “Foi uma fala impensada.”

“Está perdoada”, respondeu Jaina. “Mas gostaria de conversar mais com você.”

“Vamos para algum lugar com mais privacidade”, sugeriu Marran, “longe dos ouvidos do castelo.”

Marran conduziu Jaina por um longo corredor de pedra, frio e escuro, onde as únicas luzes eram a chama da tocha que Marran pegou de uma arandela e o suave brilho do cajado de Jaina. A câmara era visivelmente antiquíssima, enterrada nas profundezas da bastilha de Stromgarde. Os longos degraus em espiral pelos quais desceram estavam gastos pelos inúmeros séculos, e os blocos que compunham as paredes eram de um formato e tamanho diferentes dos que formavam a cidade acima.

Marran parou e ergueu a tocha. “Sob nossos pés está Arathor”, disse ela. “Isso é tudo o que restou do lugar ancestral, o último eco de um velho mundo. Um lugar apropriado para conversarmos livremente.”

Jaina assentiu. “Eu cresci ouvindo a lenda: Thoradin teve uma visão de seu pai, vestindo a pele de um lobo negro, e fundou o primeiro reino dos humanos.”

Mas Marran balançou a cabeça. “Lenda, não... *História*. Uma história que estou incumbida de enaltecer e enobrecer com as minhas contribuições. Uma história que não deve ser esquecida.” Após um suspiro, ela se virou para a outra mulher. “Espero poder continuar a conversa que tivemos hoje, mas, primeiro, queria falar com você sobre isto.” Ela estendeu um pedaço de pergaminho amassado.

Os olhos de Jaina se arregalaram em meio à luz baça: era a carta que escreveu para Danath.

“Minha mestra da espionagem, Zatacia, é certa com o arco, como seu amigo orc já percebeu. É uma pena perder um cavalo valioso, mas, na guerra, sacrifícios são necessários.”

O brilho do cajado de Jaina ficou levemente mais forte. “Marran”, respondeu ela, “tome cuidado com o que faz.”

Marran ignorou a sugestão. “Quando soube que você viria”, continuou, “pensei que viria para me ajudar. Que você poderia *entender* a posição em que meu tio nos colocou.”

Suas palavras perduraram no eco por um instante, e Jaina inspirou antes de responder.

“Marran, eu quero aconselhar você”, disse ela. “Mas devo fazê-lo com sinceridade e boa intenção. Mentiras não lhe servirão de nada.”

O punho de Marran apertou o pergaminho. “Então dê-me o seu conselho sincero.”

Jaina firmou o queixo enquanto pensava. Dali em diante, cada palavra seria importante.

“Os Mag’har são um povo forjado pela batalha”, disse ela, “e os Kor’kron são os maiores guerreiros de elite da Horda. Se continuar elevando a tensão com os Mag’har, você *vai* perder. Você disse que quer honrar seu povo, que quer protegê-lo. Faça uma trégua com Geya’rah e garanta a prosperidade dos dois povos através da *amizade*.”

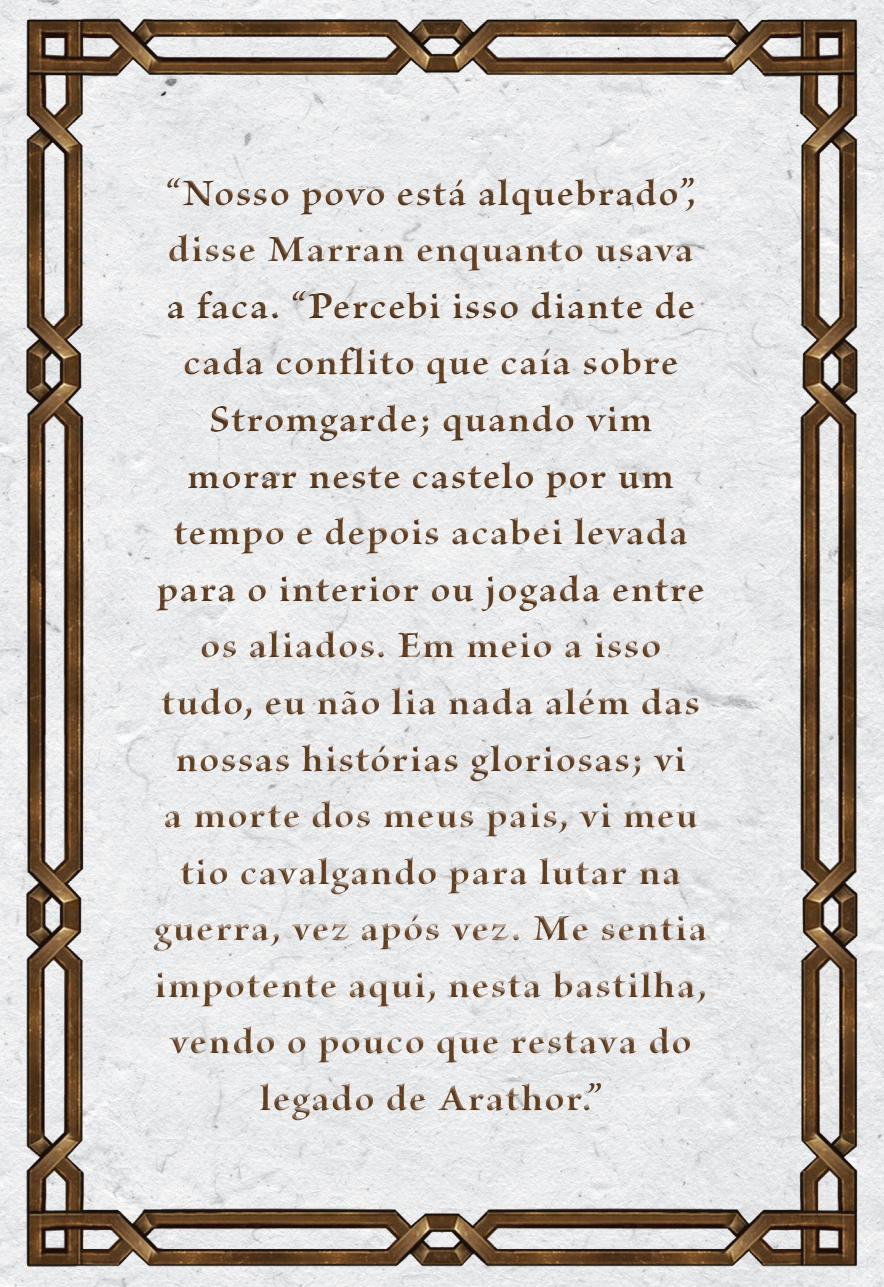
Marran pensou por um momento. “Aqui estou, ao lado da maga mais poderosa de toda Azeroth, aquela que virou a Batalha por Lordaeron em favor da Aliança. E você diz que eu vou perder?”

Isso arrancou um suspiro de Jaina. “Eu vim para oferecer meu conselho, Marran, não minha magia.”

Marran olhou Jaina nos olhos por um instante, até se virar e caminhar em direção à outra ponta da câmara. Ela parou e ajoelhou-se, a luz da tocha revelando uma silhueta escura no chão.

Jaina foi até Marran e assustou-se ao ver o que era aquilo.

Era um lobo morto, ainda com o arnês do Kor’kron que o cavalgava. Ela havia



“Nosso povo está alquebrado”, disse Marran enquanto usava a faca. “Percebi isso diante de cada conflito que caía sobre Stromgarde; quando vim morar neste castelo por um tempo e depois acabei levada para o interior ou jogada entre os aliados. Em meio a isso tudo, eu não lia nada além das nossas histórias gloriosas; vi a morte dos meus pais, vi meu tio cavalgando para lutar na guerra, vez após vez. Me sentia impotente aqui, nesta bastilha, vendo o pouco que restava do legado de Arathor.”

conversado com Thrall sobre as montarias órquicas diversas vezes. Para o clã Lobo do Gelo, especialmente, o vínculo entre orc e lobo era baseado em respeito e amizade, não em disciplina e domesticação. A pobre criatura era enorme, e seu pelo escuro e espesso reluzia à luz da tocha.

Marran levantou-se e, após encaixar a tocha em uma arandela, puxou do cinto uma pequena faca curva. Ela agarrou o pelo na nuca do lobo e o levantou. A mandíbula da criatura abriu-se, revelando dentes brancos afiados feito adagas.

“Nosso povo está alquebrado”, disse Marran enquanto usava a faca. “Percebi isso diante de cada conflito que caía sobre Stromgarde; quando vim morar neste castelo por um tempo e depois acabei levada para o interior ou jogada entre os aliados. Em meio a isso tudo, eu não lia nada além das nossas histórias gloriosas; vi a morte dos meus pais, vi meu tio cavalgando para lutar na guerra, vez após vez. Me sentia impotente aqui, nesta bastilha, vendo o pouco que restava do legado de Arathor.”

Jaina não conseguia desviar o olhar horrorizado enquanto Marran esfolava o lobo, enojada por saber o que aquele ritual representava.

“A queda de Dalaran marca o fim de outro dos reinos humanos, apesar de ter se tornado irreconhecível nos últimos tempos. Guilnéas sucumbiu à praga pouco depois, e nem mencionamos o incidente em Alterac... ou Lordaeron.”

A fala foi seguida de um som horrível: Marran separando a pele do músculo e dos ossos. “Você quase perdeu seu trono na Quarta Guerra. E Ventobravo... que antes era um *fim de mundo*, agora nos lidera, decide que parte das conquistas da Aliança cai no *nosso* prato.”

A regente de Stromgarde, agora, cortava cuidadosamente a pele das costas, erguendo-a como um prêmio encharcado de sangue. Embainhando a faca, Marran puxou o pelo inteiro do lobo e o estendeu sobre o piso de pedra antigo de Arathor. “O povo de Stromgarde depende da nossa força, mas nós a vendemos para a Aliança em toda oportunidade. Enviamos nossos grãos aos seus exércitos enquanto ele morre de fome. Enviamos nossos guerreiros para eles enquanto nossas crianças crescem sem conhecer seu legado histórico. Enquanto sofremos para afastar os ogros, a Camarilha, ou coisa pior.”

Marran levantou-se novamente e retirou a tocha da arandela. Com a luz a trepidar,

Jaina pôde ver que a pele de Marran estava molhada de suor, seu peito revelando a respiração pesada. Mas ela também viu outra coisa. A regente ficou parada em silêncio diante da pelagem, encarando-a, em transe, apesar de ter sido ela a prepará-la.

Jaina sentiu um aperto no coração à medida que percebia a verdade.

Marran não era apenas uma regente inexperiente, uma idealista.

Ela era uma *devota*. Devota de um passado glorioso que Jaina sabia ser fábula. Marran cultuava um saudosismo equivocado, até perigoso, por uma era de ouro que não testemunhou pessoalmente.

Marran olhou para Jaina. “O Planalto Arathi pertence à humanidade. Ele é o coração de um império grandioso cujo sangue corre nas *nossas* veias ainda hoje, Jaina. Precisamos expulsar os invasores e retomar nosso reino. Ele é nosso por direito. Foi por ele que Thoradin lutou. E é nosso destino, *meu destino*, continuar o legado dele.”

Jaina tentava conter seu desdém ao ouvir aquelas palavras. “Marran, o que está fazendo levará à aniquilação.”

“Você vai me ajudar, Jaina?”

Jaina balançou a cabeça, sem fala.

Com isso, Marran pareceu ficar tensa, preparando-se para um golpe.

“Eu sabia que você não entenderia”, disse ela. “Eu sinto muito.”

Jaina sentiu uma pontada aguda e ouviu o tilintar de algo caindo no chão de pedra. Levou a mão ao pescoço no mesmo instante e os dedos se mancharam de sangue. Virou-se e viu uma arqueira saindo das sombras do corredor atrás delas. Uma mulher envolta em um manto e capuz pretos — a mesma arqueira, Zatacia, que alvejara Thrall e interceptara a carta de Jaina.

Em seguida, Jaina desabou, batendo no chão duro e soltando o cajado, que rolou de sua mão. Ela olhou para cima, tentando encarar Marran, mas o mundo à sua volta escureceu.

Marran se agachou e pegou o dardo do chão antes de recolher a pele de lobo. “Isso não vai matá-la, né? Não preciso da Aliança inteira contra nós também.”

A arqueira sorriu maliciosamente. “A Filha do Mar vai dormir bem esta noite.”

E Jaina ficou à mercê à escuridão.

### SOBRE O AUTOR

*Adam Christopher é o autor bestseller do New York Times de Star Wars: Shadow of the Sith e Stranger Things: Darkness on the Edge of Town. Ele também escreveu romances oficiais para a famosa série de TV da CBS Elementary e para a premiada franquia de videogame Dishonored. Cocriador da encarnação do século 21 de Escudo, super-herói da Archie Comics, Adam escreveu para a série Lazarus, de Greg Rucka e Michael Lark, da Image Comics, e para o universo de Doctor Who, da Big Finish. Colaborador da série antológica de aniversário de sucesso internacional Star Wars: From a Certain Point of View, Adam também escreveu para a HQ Star Wars Adventures, da IDW, voltada para todas as idades. Entre os romances originais de Adam estão Made to Kill e The Burning Dark, e seu romance estreia, Empire State, foi o Livro do Ano da SciFi Now e do Financial Times.*